



Os Mutirões Das Relações Agroecológicas: O Caso Do Núcleo Agroecológico Do Assentamento Canudos

RIBEIRO, LUIZA AZEVEDO
Universidade Federal de Uberlândia
luizaazevedoribeiro@gmail.com

MARQUES, VIKTOR SILVÉRIO
Setor de Produção do MST
vitorsmarques@gmail.com

Resumo

Desde o início de sua formação, em outubro de 2017, um dos principais eixos do Núcleo Agroecológico do Assentamento Canudos, localizado na cidade de Uberlândia-MG, Brasil, foram as ações coletivas, principalmente, através de mutirões semanais. Essa ferramenta no núcleo teve como objetivo ajudar os agricultores a implantar as suas hortas agroecológicas, para que todos produzam alimentos saudáveis e comercializem em mercados locais, de forma a gerar renda aos camponeses, aliado à preservação da biodiversidade. E teve como resultado, para além disso, de fortalecer os laços entre o núcleo e com os técnicos, com a troca de saberes, de mão de obra e de união. Assim, os mutirões contribuem no fortalecimento da organização do núcleo para o estabelecimento de novas estratégias e oportunidades inovadoras para o desenvolvimento rural, fazendo com que esses agricultores reflitam sobre as problemáticas do campo e os empoderem para as tomadas de decisões, considerando o coletivo como um todo.

Palavras-chave: Coletivo; diálogo de saberes; transição agroecológica;

Resumén:

Desde el inicio de su formación, en octubre de 2017, uno de los principales ejes del Núcleo Agroecológico del Asentamiento Canudos, ubicado en la ciudad de Uberlândia-MG, Brasil, fueron las acciones colectivas, principalmente, a través de mutirones semanales. Esta herramienta en el núcleo tuvo como objetivo ayudar a los agricultores a implantar sus huertas agroecológicas, para que todos produzcan alimentos saludables, comercialicen en mercados locales, para generar ingresos a los campesinos, aliado a la preservación de la biodiversidad. Y tuvo como resultado, además, de fortalecer los lazos entre el núcleo y con los técnicos, con el intercambio de saberes, de mano de obra y de unión. Así, los mutirones contribuyen en el fortalecimiento de la organización del núcleo para el establecimiento de nuevas estrategias y oportunidades innovadoras para el desarrollo rural, haciendo que esos agricultores reflexionen sobre las problemáticas del campo y los empoderen para las tomas de decisiones, considerando el colectivo como un todo.

Palabras-clave: Colectivo; diálogo de saberes; transición agroecológica;

Descrição da experiência

O início da formação do Núcleo Agroecológico do Assentamento Canudos, na cidade de Uberlândia-MG, Brasil, se deu em outubro de 2017, com a realização do primeiro curso de capacitação em agroecologia para doze famílias camponesas, facilitado pelos biólogos Luiza Ribeiro e Viktor Marques, técnicos do projeto “Semeando Agrofloresta”, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O enfoque do curso foi de difundir a conceitos

e práticas agroecológicas, de forma a estimular a tomada de ações críticas, conscientes, democráticas e transparentes durante os processos que davam início.

Um dos princípios norteadores para vivenciar a agroecologia foi a sensibilização e a observação. A partir do entendimento de como funciona a natureza, a dinâmica do ecossistema, além do espaço apropriado e as relações que estabelecem entre eles, é possível compreender a paisagem para nela atuar, formando um agroecossistema com a sua rede de interações ecológicas. Criou-se, portanto, um novo olhar para a natureza, estimulando a integração e participação das pessoas nos agroecossistemas, além de abordar valores como a observação do meio, estímulo à diversidade e cooperação e mutirão.

Neste sentido, desde o princípio, um dos principais eixos do núcleo foram as ações coletivas. Através de mutirões semanais, que acontecem desde a formação do núcleo até hoje, o exercício e as experimentações das práticas agroecológicas ocorrem no lote que cada agricultor. Eles realizam trabalhos comunitários solidários com rodízios nas terras dos seus companheiros, com a sistematização, análise, discussão das diferentes técnicas e tecnologias agroecológicas, adequadas a realidade do próprio agricultor, e a multiplicação dos resultados e experiências obtidas entre e pelos próprios camponeses.

É importante ressaltar que o mutirão vai além da reciprocidade entre os agricultores, pois para a produção de alimentos agroecológicos, é necessário a cooperação de inúmeros seres, como a terra, o sol, o vento, a chuva, os diversos insetos, as minhocas, a diversidade de plantas, os fungos e as bactérias, que juntos fertilizam o solo e equilibram o agroecossistema.

Neste sentido, os mutirões no núcleo têm como intuito colocar os agricultores como sujeito e agente da mudança, estimulando a troca de experiência entre os próprios agricultores e a cooperação/coletividade na organização dos meios de produção com a implantação de suas hortas agroecológicas, para que todos produziam alimentos saudáveis e comercializem no mercado local, de forma a gerar renda aos camponeses, aliado à preservação da biodiversidade.

Resultados e análises

Por meio das ações coletivas e da metodologia participativa Camponês a Camponês, foram criados ambientes que permitiram o diálogo e a troca de conhecimento e aprendizagem, além de uma aproximação entre os agricultores, os técnicos e pesquisadores, para a construção horizontal do paradigma agroecológico. Através da metodologia Camponês a Camponês, o agricultor é um ativo experimentador, em que põe em prova, comprova, adapta e adota, a partir das necessidades, uma nova técnica ou solução, tornando o seu lote um laboratório vivo.

Para a transição agroecológica, é necessário a integração de elementos metodológicos aos tecnológicos para a aplicação e a transformação de práticas e técnicas do modelo convencional para o agroecológico. Neste sentido, a ferramenta mutirão tem o intuito de fortificar os laços entre a comunidade com a troca de saberes, de mão de obra e de união, aprimorando o trabalho coletivo, conforme relatos abaixo.

“O mutirão aproxima as pessoas no núcleo” e “o mutirão é uns três braços a parte. Principalmente pra quem não conhece. Porque aí, eles te colocam em conhecimento de como você pode fazer, te dá opiniões pra você continuar fazendo. Ah não deu certo assim, mas você pode fazer de assim, assim, assim”. (Agricultora Tamira, 29 anos).

“Não tem como fazer agroecologia sozinho” e “a prioridade é todos do núcleo produzindo” (Agricultor Luiz Carlos, 54 anos).

“Sozinho eu não consigo nada, mas juntos conseguimos muito. Por isso a importância da união” (Agricultor Juscelino, 59 anos).

“Vocês fazem melhorar a minha saúde, é muito bom trabalhar em coletivo através dos mutirões” (Agricultor Eurípedes, 70 anos).

“A união vai além do trabalho, é também a união de pensamentos, de ideias” (Agricultor José Antônio, 34 anos).

“O mutirão pra mim, ele é um entendimento. Porque se você faz um mutirão, você passa a conhecer seus vizinhos, você passa a entender seus vizinhos. Você passa a saber o que o seus vizinhos realmente é. Você passa saber a forma que ele produz. Então é, o mutirão é essencial pra esse tipo de coisa. Não somente pra adiantar o seu serviço. Porque ele traz mais coisas. Mas na hora de adiantar o seu serviço, adianta sim. E dá iniciativa. Dá força pra outras pessoas. Porque tem gente que acha que o mutirão, pra ele é tudo. Então vamos fazer isso né, porque se pra ele, ele acha que é tudo. Mas eu gosto. Só pra você tá se distraindo com as pessoas, aprendendo com as pessoas, muita das vezes você acaba ensinando sem saber também. Os outros te ensinam também sem saber. Então você aprende com os outros. Assim que funciona né?!” (Agricultor Lorival, 58 anos).

“Eu sou sozinha. Então sempre que eu vejo pelo menos duas pessoas se unindo, eu acho bom. Eu gosto de companheirismo, de tá ajudando e também de ser ajudado” (Agricultora Maria, 57 anos).

Além desses benefícios, os mutirões no núcleo agroecológico do Canudos auxiliaram na transformação dos espaços nos lotes de cada agricultor, de acordo com os recursos e tecnologias que possuía em cada local. Essas transformações se deram através das mudanças de técnicas e práticas agrícolas, além do resgate de saberes e práticas tradicionais, que foram transmitidos, principalmente, de forma oral, de geração para geração, transformando e melhor adaptando a relação dos agricultores com o meio ambiente ao longo do tempo.

Estimulou, assim, a transição agroecológica, com a diversificação da produção e dos recursos genéticos do agroecossistema no tempo e espaço, tornando o sistema agroecológico mais complexo. Isso criou mais autonomia e segurança para esses agricultores, com uma melhor eficiência na utilização dos recursos e no controle biológico de “pragas” que poderiam causar danos à produção, já que quanto mais biodiverso for o sistema, com a presença de diferentes plantas, animais e organismos no solo, maior a quantidade de espécies de animais predadores, inimigos naturais das pragas, presentes no cultivo.

Nesse processo de transição agroecológica, cada agricultor se enxergou como parte de um processo mais amplo, no qual suas ações, por menores que pareçam, são responsáveis pelas alterações de qualidade de vida das gerações futuras.

Vale ressaltar que houve a participação de mulheres e jovens nesses processos coletivos, tanto no auxílio nos almoços e quanto nas práticas agrícolas. A agroecologia acredita que é necessário desmistificar a convencional divisão sexual do trabalho, que

impõe o espaço doméstico às mulheres enquanto os homens se ocupam do domínio técnico e do público. Ademais, incentiva os jovens a permanecerem no campo para a sucessão rural familiar e na continuação da transformação agroecológica na área, já que estão mais abertos para enfrentar as mudanças e transformações e no uso de novas tecnologias.

A agroecologia vai além do ato de plantar, ela não é somente uma prática agrícola. Acredita em um desenvolvimento rural equilibrado, não apenas nas dimensões ambientais, técnicas e econômicas, mas também na social, cultural, ética, política, energética, sociobiodiversa, que busca integralizar e viabilizar as variáveis e as estruturas que levam o agroecossistema a funcionar em harmonia. E que suas práticas devem ser realizadas com os agricultores e não para eles, através de metodologias participativas.

Assim, os mutirões contribuem no fortalecimento da organização do núcleo para o estabelecimento de novas estratégias e oportunidades inovadoras para o desenvolvimento rural, pois é uma ferramenta que perpassa pelo autoconhecimento do agricultor, com o entendimento da realidade que os circundam e as potencialidades locais. Faz com que esses agricultores reflitam sobre as problemáticas do campo e os empoderem para as tomadas de decisões e ao tipo de desenvolvimento rural que querem alcançar, levando em consideração o coletivo como um todo.



Figura 01: Lote do agricultor Lorival antes do mutirão.



Figura 02: Atividade realizada do mutirão no lote do agricultor Lorival.



Figura 03: Mutirão no lote do agricultor Lorival.



Figura 04: 02 meses depois do mutirão no lote do agricultor Lorival.